

## **A ESTRELA E O CRESCENTE: TRAJETÓRIAS SIMÉTRICAS DE ALGUNS DESCENDENTES DOS ÚLTIMOS CRISTÃOS-NOVOS E MALÊS NUM ESTUDO COMPARATIVO**

PAULO VALADARES, Mestre em História Social (USP). Editor do *Boletim Informativo do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*.

Blog: [www.bestaesfolada.blogspot.com/](http://www.bestaesfolada.blogspot.com/)

Escrito para a memória do físico e cirurgião cristão-novo Jorge de Valadares, *floruit* 1549-1557, primeiro V. a viver na Bahia.

O interesse particular por genealogia judaica-ibérica levou-me a documentação produzida pela Inquisição já que pesquisei os sefaraditas e seus descendentes. Como genealogia para mim não é apenas ordenar uma feira de nomes, mas tentar preencher estes nomes com partes de suas vidas recorri a documentação inquisitorial, notadamente os processos movidos aos cristãos-novos, descendentes dos judeus que ficaram na Península Ibérica após a expulsão no século XV, para a feitura de meus trabalhos. Os meus artigos, livros e dissertação de mestrado, que foi orientada pela professora Anita Novinsky na USP em 2004, tratam de genealogia judaica e estão ancorados na documentação inquisitorial. A esta documentação inquisitorial combinei com a leitura de memórias já publicadas e depoimentos de personagens contemporâneos para retomar os vínculos entre passado e presente. Sempre buscando responder a questão: ONDE FORAM PARAR OS DESCENDENTES DESTE POVO SILENCIADO?

Nas minhas pesquisas no interior brasileiro, documentando a sobrevivência da “Cultura cristã-nova”, encontrei em Cachoeira, na Bahia, os frutos de uma repressão inquisitorial, com os sinais trocados. Trata-se de um conjunto de estátuas da divindade cristã retratada como um homem asiático. São obras da comunidade macaense *kakure kirishtan* (cristãos ocultos) formada por expatriados japoneses foragidos pela ação do *Shumon Aratame Yaku* (escritório inquisitorial), que chegaram a Bahia em troca de fumo (VALADARES: 2008). Pensei em fazer um trabalho comparativo entre os cristãos-novos ibéricos e os cristãos ocultos nipônicos, mas abandonei a idéia ao ler um comentário do músico baiano Carlinhos Brown (Antonio Carlos dos Santos Freitas, 1962) sobre a sua percepção de quem vivia em Salvador e que ampliou um pouco mais a questão.

Disse Carlinhos Brown:

*“(...) já o árabe vem muito de ter conhecido Nelson Maleiro<sup>1</sup>, um Cavaleiro de Bagdá que fazia afoxé com índios. Ele usava sapatos de bico, tipo Aladim. Fui andando, fui vivendo a vida e percebi que no Candeal o que não era africano, era libanês pobre, pardo, judeu. Somos o judeu e o árabe em paz, o Brasil já conseguiu a paz de Israel há muito tempo (...)”* (SANCHES: E1).

Esta fala estimulou-me a conhecer mais o universo dos Malês que herdaram seus costumes de ancestrais africanos trazidos como escravos para o Brasil, gerando uma cultura específica<sup>2</sup>. Percebi também que havia semelhanças entre elas e os descendentes de cristãos-novos, através da mesma origem mítica no patriarca Abraão, passando por suas estratégias de resistência, segredo e biculturalidade e nas biografias de dois de seus líderes. São estas semelhanças que pretendo mostrar neste trabalho.

Estamos falando de dois grupos perfeitamente definidos. Não são apenas os descendentes de Malês ou muçulmanos, nem apenas descendentes de cristãos-novos ou judeus. Estes são milhares no Brasil. Mas um pequeno contingente de pessoas que por uma série de afinidades eletivas formaram grupos separados da população geral por crenças, hábitos e parentesco entre si. São na estimativa de Nina Rodrigues (1862-1906), quinhentos “malês” no começo de século passado (RODRIGUES: 96) e num cálculo feito por mim, baseado em estudos genealógicos, algo entre trezentos cristãos-novos em todo o Brasil nos primeiros anos do mesmo século. Vivendo no Brasil basicamente em locais isolados no sertão nordestino e em Portugal, nas regiões da Beira e de Trás-os-Montes.

---

1 Nelson Maleiro (Nelson Cruz, Saubara, 1902 – Salvador, 1982). Artesão e músico afrobaiano, fundador de vários grupos carnavalescos. Vestia-se de forma arabizada como se fosse um personagem das “mil e uma noites”.

2 Por delimitação geográfica e também para limitar o recorte do tema estudado deixei de lado os afroamericanos, descendentes de judeus portugueses, como: o líder islâmico Louis Farrakhan, pelo pai Percival Clarke (-1936), filho de judeus portugueses; os latifundiários sulistas Galphin, descendentes dos Nunes Ribeiro; a antropóloga Eslanda Cardozo Goode (1896-1965), esposa do cantor Paul Robeson, mesmo percebendo que eles fazem parte do mesmo universo pesquisado. Esta influência sefaradita estendia-se até na alimentação destes personagens. Apenas como um ligeiro exemplo. A mulata grenadina Louise Helen Norton (1897-1991), oriunda de uma área de influência judaico luso-brasileira, apesar de cristã, recomendava: “*Não deixe que eles dêem carne de porco ao meu filho*” (o futuro líder muçulmano Malcolm X, 1925-1965).

## GÊNESE

A construção de um Estado por uma seita religiosa teve como consequência o monopólio da religião no seu território por esta seita<sup>3</sup>. Portugal criado pelo Catolicismo Romano, a partir do século XV, foi forçado a não tolerar a presença de outras minorias religiosas, como os judeus e os muçulmanos. Constrangidos eles se converteram ao Catolicismo Romano, adotaram nomes portugueses, mas, alguns deles, continuaram reunidos pela endogamia, praticando reservadamente alguns costumes da antiga religião, que passaram aos seus descendentes, formando alguns bolsões, nascendo duas seitas secretas, os cristãos-novos (marranos) desde o séc. XV e os malês no Brasil a partir do século XIX.

A Igreja usou todos os recursos possíveis para atraí-los, catequizá-los e conquistar as suas mentes. Espionou os seus lares durante séculos e reprimiu violentamente os recalcitrantes, cuja única defesa foi o *taqiyah*, a dissimulação, o segredo, comportamento imitado dos heterodoxos islâmicos. Descobertos, eles perdiam



os seus bens, desestruturavam suas famílias e em alguns casos perdiam até as vidas.

No Brasil o controle social das minorias originariamente não-católicas tornou-se presente com a primeira Visitação em 1591 e prosseguiu nos séculos vindouros até 1748 quando foi queimado o último cristão-novo brasileiro. Esta perseguição gerou um estigma, *damnatio memoriae*, para os seus descendentes enquanto durou o período inquisitorial e os estatutos de pureza de sangue, que podiam ser acionado a qualquer momento, como no caso de Filipe Pais Barreto em 1708, estudado pelo historiador Evaldo Cabral de Melo, no livro *O Nome e o sangue. Uma Fraude Genealógica no Pernambuco Colonial* (1989).

O primeiro cristão-novo baiano a ser denunciado nesta visitação foi Manuel de Paredes. Algumas décadas depois foi queimado vivo o primeiro cristão-novo baiano judaizante, tratava-se do sapateiro e ex-soldado Gaspar Gomes, queimado em 1644<sup>4</sup>. Já

<sup>3</sup> Seita neste texto não tem sentido depreciativo. Significa apenas a fração dentro de um universo maior. O Catolicismo Romano é apenas uma fração do Cristianismo.

<sup>4</sup> Foram queimados como judaizantes os “brasileiros” (que viviam ou eram originários do Brasil): o soldado e sapateiro Gaspar Gomes (1644), o comerciante José de Liz (Isaac de CastroTartas, 1647), o



que chamei de “*Cultura cristã-nova*” e que outros autores chamam de “Marranismo”, no caso dos descendentes de judeus, algo que também encontrei nestes últimos malês, que não enfrentaram a repressão inquisitorial, mas que também desenvolveram uma vivência secreta em virtude da repressão policial<sup>7</sup>.

## SEMELHANÇAS ENTRE CRISTÃOS-NOVOS E MALÊS

A primeira vez que comparei os últimos descendentes de cristãos-novos e malês parti de uma semelhança inicial comum. Ambos os grupos mantiam o culto de forma secreta. Prolongando as pesquisas encontrei mais elementos comuns a uns e outros. Fundamentalmente são dez pontos comuns:

### 1 – ASCENDENTE MÍTICO COMUM: O PATRIARCA ABRAÃO E O MONOTEISMO

Tanto judeus, quanto muçulmanos, tem como tronco genealógico e espiritual, o patriarca Abraão (*Avraham Avinu* ou *Ibrahim Khalil-Ullah*) e o seu monoteísmo espiritual e imaterial. Os exemplos de um e outro grupo são abundantes. Tomo um exemplo de cada.

A oração dos cristãos-novos murmurada antes de entrar numa igreja católica:

*“Nesta casa entro, / não adoro o pau nem a pedra / só a Deus, que em tudo*

---

7 Nesta coleta de informações encontrei exemplos da continuidade do *modus operandi* da Inquisição na polícia política brasileira contemporânea, mas como não é o objetivo deste trabalho, apenas registro para que outros levem adiante o tema. São dois excertos que mostram a sobrevivência da técnica da “*sessão de genealogia*” e da “*abjuração de levi*”: 1- Depoimento de Caetano Veloso: “(...) *no interrogatório, o major Milton me perguntava uma porção de coisas. Também começou com o nome dos pais, quantos irmãos você tem, quem é casado, quem é mulher de quem, quem é marido, cunhado, nomes dos cunhados, irmãos dos cunhados. Era uma averiguação mais minuciosa das pessoas de Santo Amaro. E depois foi entrando na coisa, das possíveis denúncias ou dos possíveis delitos que não havia (...)*”. 2 – Vladimir Herzog (1937-1975), assassinado num interrogatório: “(...) *Relutei em admitir nesse órgão minha militância, mas após acareações e diante das evidências, confessei todo meu envolvimento e afirmei não estar interessado mais em participar de qualquer militância político-partidária (...)*”.

*governa*” (SCHWARZ, 79).

Os amigos malês da baiana Marcelina, escrava de uma freira do Convento do Desterro, reprovavam a sua freqüência aos templos católicos, já que ela:

*“(...) ia a missa adorar pau que está no altar porque as imagens não são santos (...)”* (REIS: 238).

## **2 – LOCALIZAÇÃO NO MUNDO LUSITANO: PORTUGAL E BRASIL**

Os dois grupos estão plantados no mundo luso-brasileiro.

Os cristãos-novos e seus descendentes estão num espaço chamado pelo historiador e diplomata inglês Lucien Wolf (1857-1930) de *“Marrano country”*, numa área que vai de Bragança a Castelo Branco e na sua diáspora majoritariamente em locais isolados espalhados pelo sertão nordestino. Já os malês em duas capitais brasileiras, Salvador e Rio de Janeiro, nos bairros centrais, mas também dispersos nas áreas próximas.

## **3 – ETNÔNIMOS DEPRECIATIVOS**

Cristão-novo é o termo jurídico, já marrano é o termo popular. No caso islâmico brasileiro este grupo é chamado de malê. Ambos etnônimos são polissêmicos, depreciativos e remetem a sua condição degradante de apóstatas.

Marrano é segundo o filólogo italiano Arturo Farinelli (1867-1948) que estudou a palavra, um *“vitupério”*, pois associam-no ao porco ou cachaço, animal interdito aos judeus. Quanto aos malês, o etnógrafo alagoano Abelardo Duarte (1900-1992), estudioso do tema, também viu o etnônimo malê como de origem injuriosa e para designar o apóstata.

## **4 – CULTO RESERVADO ENTRE FAMILIARES. NÃO FAZ PROSELITISMO**

O medo da repressão aos seus costumes levou os dois grupos a exercerem suas atividades em segredo e fundamentalmente dentro do grupo familiar.

No testamento de um baiano, já no século XX, quando aparentemente não havia uma política de repressão a esta minoria, ele ainda se mantém em segredo, mas não oculto:

*“(...) Eu, Antonio dos Santos Lima, como mulsumano (sic) que sou e qual religião, nasci criei-me e conservo-me esperando morrer deliberei fazer meu testamento (...) É do meu gosto que após a morte o meu corpo fosse envolvido de acordo com meu rito (...) mais ainda o que lhe recomendei EM SEGREDO (...)”.* (ALBUQUERQUE: 222).

Como os membros de cada grupo de locais diferentes não se comunicavam, em casos raros foram criados sinais de reconhecimento.

Os malês eram reconhecidos pela *boulangier*, a forma especial de cortar a barba.

Já em alguns casos dos cristãos-novos há registros da existência dos “melões capados”:

*“(...) é freqüente ver-se nos jardins e propriedades de israelitas, em local de destaque, uma árvore que por exótica ou por estrutura especial, logo dá nas vistas, a que foi amputada a corola, isto é, a ponta, o prepúcio, como manda o Levítico (19 XXIII). Esta amputação, além de obedecer ao preceito litúrgico, servirá também de sinal aos iniciados para se conhecerem (...)”* (ALVES: LV).

## **5 – DESCOBERTO POR ESTRANGEIROS**

Ambos os grupos foram descobertos por estrangeiros da mesma origem religiosa que se reconheceram, tiraram-nos da invisibilidade e lhes deram nova significação social no seu ambiente. Há registros anteriores de encontros fortuitos narrados por viajantes, como o dos ingleses Henry Swinburne (1743-1803), Joseph Townsend (1739-1816) e George Borrow (1803-1881) sobre os cristãos-novos ibéricos ou do alemão

Robert Avé-Lallemant (1812-1884) sobre os muçulmanos na Bahia<sup>8</sup>. Eles eram praticamente “invisíveis” para o *establishment* nativo<sup>9</sup>.

Os malês foram “descobertos” pelo imã Abdurrahmán bin Abdullah al-Baghdadi ad-Dimashqui (? – 1886), natural de Bagdá, que viveu em torno de três anos no Brasil a partir de 1866. Ele chegou ao país num navio turco, que ia de Istambul para Basra e aparentemente perdeu o rumo depois de enfrentar algumas tormentas. Aqui ele viveu entre muçulmanos secretos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife. O contato inicial foi feito no Rio de Janeiro.

*“(...) Veio a nós um grupo de respeitáveis negros, pronunciou palavras semelhantes às dos primeiros e nos fez companhia até a tarde. Então nos levantamos para executar os deveres que Deus – o excelso – nos incumbiu. Todos se ergueram conosco, fizeram a ablução e oraram como nós. Dessa forma, nós reconhecemos que eles eram muçulmanos e acreditavam na unicidade do Criador da existência (...)” (AL-BAGHDADI: 67).*

Os cristãos-novos foram “descobertos” pelo engenheiro judeu-polonês Samuel Schwarz (1880-1953), que chegou a Portugal para trabalhar nas minas. Numa busca de fornecedor para a sua empresa, topou com uma situação comum para ele como judeu, o boicote comercial dos vizinhos:

*“(...) O primeiro a chamar-nos a atenção foi um comerciante cristão, que, querendo, sem dúvida, obter o exclusivo fornecimento de comestíveis para a exploração mineira que ahi dirigimos, nos insinuou para nada comprarmos ao seu concorrente, Baltazar Pereira de Souza, “porque”, disse ele, “basta que lhe diga que é judeu”. (...) Um dia, tendo encontrado, por acaso, o dito comerciante, judeu, em Lisboa, aproveitamos o ensejo para lhe pedir informações sobre este assunto, sendo preciso, para lhe inspirar confiança, levá-lo á sinagoga. Foi assim que ele nos confessou que era realmente descendente duma família judia, e que toda a sua família em Belmonte continua a exercer, em segredo, a religião judaica (...). Foi ele que se*

---

8 AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)*. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1980, p. 51.

9 Recomendo a leitura de dois romances para a ampliação do tema da “invisibilidade social”: ELLISON, Ralph. *Invisible man* (1952); WHITE, W. L. *Lost boundaries* (1948).



*encarregou de nos apresentar e recomendar, como judeu, a sua família e as outras famílias judaicas de Belmonte, o que fez com efeito, segregando-lhes ao ouvido, enquanto nos indicava; “É dos nossos! (...)” (SCHWARZ: 10).*

## 6 – ÚNICOS E ISOLADOS NO MUNDO

Imersos no mundo católico romano desconheciam a existência de homólogos fora de seus olhos para comparação ou intercâmbio.

Na visão malê:

*“(...) Nós acreditávamos que éramos os únicos muçulmanos no mundo, que estávamos na via clara e que todos os brancos pertenciam às comunidades cristãs até que, por dádiva de Deus, o Sublime, nós os vimos e soubemos que o reino do Criador é vasto e que o mundo não é uma terra desolada, mas repleta de muçulmanos (...)” (AL-BAGHDADI: 76).*

Na visão dos cristãos-novos:

*“(...) E não foi preciso pouco trabalho para conseguir também alcançar a confiança destas velhotas, que, na sua simplicidade, ignoravam por completo a existência doutros judeus, diferentes nos processos de culto dos cristãos-novos. Estranhando que um judeu não procurasse fazer segredo da fé judaica (...)” (SCHWARZ: 11).*

## 7 – JEJUNS, ORAÇÕES E PRAGAS

Sem líderes que os educassem para um cotidiano religioso sistematizado, eles se tornaram completamente desritualizados em relação a origem. Assim eles se refugiam nos jejuns, para a expiação das culpas e nas orações.

a) Os jejuns são feitos em datas conhecidas pelo grupo. Curiosamente são datas equivalentes nas duas religiões.

Pelos malês, a observância do *Ramadã*:

*“(...) levantavam-se de madrugada, coziam o inhame e o pisavam para comer com efô, bola de arroz machucado ou furá, com leite e mel de abelhas. As refeições eram feitas às quatro horas da madrugada e as oito horas da noite. Durante esse intervalo de tempo o malê nem água bebia, assim como não absorvia a saliva (...)”* (QUERINO: 111).

Pelos cristãos-novos, o *Yom Kippur*, conhecido como Dia Grande ou Puro:

*“(...) lavavam-se inteiramente, e com cinza pelo menos os pés, vestiam a melhor roupa que tinham e, de joelhos e olhos no céu, pediam a Deus licença para entrarem de jejum. Iniciava-se este ao por do Sol e ia até ao nascimento das primeiras estrelas do dia seguinte. Era rigorosíssimo: não comiam, não bebiam, não fumavam; passavam todo o tempo em oração (...)”* (VASCONCELOS: 171).

b) As orações foram transmitidas oralmente nestes grupos.

Quanto as orações cristãs-novas contemporâneas há mais de uma centena delas coletadas por Samuel Schwarz (1880-1953), Casimiro Morais Machado (1898-1964) e Amílcar Paulo (1929-1983), dentre outros, que cobre todo o calendário litúrgico judaico. No espaço brasileiro só há o trabalho de Lina Gorenstein, *“O criptojudaísmo feminino no Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII)”*, onde a autora analisa também as orações coletadas nos processos inquisitoriais movidos a “brasileiras” *Lashon HaKodesh*, a língua sagrada deixou de existir entre eles. Não ficou nada do hebraico para os cristãos-novos. Em poucos casos restou a palavra *Adonai*, uma e outra palavra

que de tão estropiada tornou-se incompreensível.<sup>10</sup>

Quanto aos malês há poucos registros de orações e as que existem foram recolhidas por Manoel Querino (1851-1923).

c) A reação de ambos os grupos ao preconceito circundante foi retrair-se socialmente, fazer as práticas religiosas em segredo (conhecimento esotérico) e no caso de insultados, usar a vingança do mais fraco, rogarem as pragas.

Há registros de várias maldições cristãs-novas. A do “Cavalão” era considerada a mais eficaz, conhecida em Portugal e no Brasil com variantes:

*“(…) Vai-te tigre da Hircânia / A ida que fez o fumo faças tu, / Contigo vai dar a Ru Ru, / Contigo a Maurítânia / Aos barrancos alto subas, / Aos baixos venhas cair, / Nunca vejas a sege dourada, / Assim como tens cara de hereje / O vento te leve, / As pedras te apedrejem, / o fogo te queime, / A terra te sepulte, / o rio te afogue, / o pau te bata, / o cão te morda, / o gato te arrebanhe, / te peles com um rolho de silvas ao rabo, / E depois de pelado, te leve o diabo” (VASCONCELOS: 202).*

**Já para os malês o caso era resolvido de forma mais simples:**

---

10 V. GORENSTEIN, Lina. “O criptojudáismo feminino no Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII)”. Em: *Projeto História*, S. Paulo nº 37, dezembro de 2008, pp. 115-138. A discussão sobre o tema está nas páginas 121 a 126. Para a coleta portuguesa de orações: FONTES, Manuel da Costa. “Oraciones y romances criptojudíos em La tradición portuguesa moderna”. Nova Renascença, volume XVIII, 1998, Porto, pp. 527-552; MACHADO, Casimiro de Moraes, *Subsídios para a história de Mogadouro. Os marranos de Vilarinhos dos Galegos. Tentativa etnográfica*. Separata de Douro-Litoral nº I-II, quinta série; PAULO, Amílcar, “Freixo de Espada à Cinta. Subsídios para o estudo antropogeográfico do concelho”, Douro-Litoral, vol. IV, Porto, 1959, pp. 779-809; VASCONCELOS, J. Leite, “Cristãos-novos de Trás-os-Montes”. *Etnografia Portuguesa*, pp. 170-235; SCHWARZ, Samuel (vide bibliografia).

“(…) *Evitavam o mais possível as contendas e lutas; e, insultados que fossem, respondiam simplesmente: Au-su-bilai (Eu te esconjuro) (...)*”  
(QUERINO: 102).

## 8 – ALIMENTAÇÃO

Ambos os grupos exerciam a “Culinária do não”, se preocupavam mais em recusar os alimentos excusáveis, como o porco e derivados, que criar novos pratos. Com a exceção das “alheiras” trasmontanas criadas pelos cristãos-novos não há nas duas cozinhas nada que as identifique particularmente. Há um caso culinário interessante: o acarajé (bolinho frito) foi trazido pelos Iorubás para a Bahia, é outra forma do falafel hoje uma marca identitária israelense (LOPES: 2009).

## 9 – A BÍBLIA E O ALCORÃO

Os dois livros sacros não eram bem-vindos no mundo luso-brasileiro – mesmo sabendo que a Bíblia também fosse o livro usado pelos sacerdotes católicos nos seus ritos, já que desde 1547 havia proibição da sua leitura no vernáculo, impedindo o acesso do Povo. No período inquisitorial os livros bíblicos que interessaram aos cristãos-novos eram traduzidos sob encomenda por intelectuais da mesma progênie. O conteúdo de livros como os Salmos e Daniel tiveram versões em poesia oral para suprir esta demanda<sup>11</sup>.

Como o hebraico já fora esquecido na judiaria, há casos excepcionais como do ex-padre Francisco Rodrigues dos Sanctos Saraiva (1834-1900), de uma família descendente de cristãos-novos beirões, que traduziu o livro de Salmos e foi um dos professores de hebraico de D. Pedro II (1825-1891). A introdução da Bíblia, tradução de João Ferreira de Almeida (1628-1691), pelos protestantes históricos no Brasil, renovou o seu interesse

---

11 Uma das ferramentas dos historiadores culturais para a identificação como cristãos-novos dos personagens que estudam é a contagem das citações vetero-testamentários em seus textos. Cito dois casos apenas, foi assim com S. Juan de la Cruz (1542-1591) e com Francisco Sanches (1551-1623). No caso espanhol o padre Federico Ruiz Salvador contou 684 citações entre 1060 e no de Sanches, o historiador Manuel Bermúdez Vázquez encontrou no *Quod nihil seitur* dez citações entre doze.

pelos descendentes de cristãos-novos, por necessidade religiosa e literária.

Já o Alcorão teve a dificuldade de não ser traduzido para o português. Mesmo assim, no século XIX enquanto a colônia malê ainda possuía letrados em árabe, uma livraria do Rio de Janeiro vendia uma centena de exemplares escritos artesanalmente por 36 a 50 francos. Com o passar dos anos era comprado para ser usado como um amuleto (SILVA: 285).

Os últimos malês<sup>12</sup>. leitores do Alcorão, estavam num lugar insuspeito, segundo o pesquisador Antonio Monteiro (1918-):

*“(...) José Maria Mendonça. Era carpinteiro de profissão, foi prior da Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho (...). Lia sempre o Alcorão em companhia de Gibirilu, de quem era companheiro inseparável, todas as terças e sexta-feiras na sacristia da Igreja do Pelourinho (...)” (MONTEIRO: 85).*

## **10 – PERFÍS COMPARADOS DOS LÍDERES: O CAPITÃO PORTUGUÊS BARROS BASTO E O AGUDÁ INÁCIO PARAISO**

Destes dois grupos emergiram líderes que também possuíam semelhanças curriculares entre si. Um foi o capitão português Artur Carlos de Barros Basto (1887-1961) que liderou na década de vinte passada um movimento de reinserção dos descendentes de cristãos-novos ao Judaísmo chamado “Obra do resgate”. .

---

12 O fotógrafo e historiador franco-brasileiro Pierre Verger (1902-1996) identificou dois descendentes de malês contemporâneos (Manuel Nascimento dos Santos Silva e Tibúrcio). O jornalista baiano Antonio Monteiro ampliou mais o universo biográfico desta etnia, enumerou e biografou muitos deles que viveram no século XX. Identificou inclusive o “Tibúrcio” citado por Pierre Verger. Tratava-se do carpinteiro e líder sindical Tibúrcio Luis Souto e com ele veio uma feira de familiares Souto. Antonio Monteiro relacionou num capítulo chamado “malês na vida da cidade” (pp. 67-96), os nomes de vinte e seis malês em Salvador: Antonio Galinheiro (Antonio Xavier de Jesus), Alvinho Banqueiro, Naim Luiz Barbosa, Antonio Mendes Barreto, Manoel Friandes (1823-1904), Manoel Tavares da Gama, João de Adão (João da Conceição Costa, +1914), João Luiz Tundê/Pai João do Abó (João Luiz Freitas de Oliveira), João Maurício Malê, Luiz David Malê (Luiz David da Hora), Luiz de Obi (Luiz Benedito Ramos), José Maria Mendonça, Manoel Virota (Manoel Monteiro de Carvalho), Delmira Leobina do Rosário, Miguel Barradas Santiago de Santana (1897-1974 – v. “*Miguel Santana*”, org. por José Guilherme da Cunha Castro), Gibirilu (Manuel do Nascimento Santos Silva, + 1959), Dr. Salustiano Ferreira Souto (1814-1887), Tibúrcio Luiz Souto (1872-1955), Saturnino Luiz Souto, Avelino Luiz Souto, José Antonio Souto, Juvenal Luiz Souto Júnior, Dr. Luís Hipólito dos Reis Souto, Leodegário Ludogério de Souza, Tio Benedito e Tia Jair.

Já o fazendeiro *agudá* Inácio Paraíso (1852-1939) foi o líder islâmico da comunidade de Benim, que contava entre os seus membros, ex-escravos retornados da Bahia.

Ambos tiveram problemas de aceitação, por serem convertidos, nas comunidades ortodoxas, com as que se relacionaram. Para isto eles se defenderam criando genealogias míticas – o capitão Barros Basto chegou a publicá-la, atribuindo-se a sua origem num personagem bíblico (VALADARES: 2005). Enquanto Inácio Paraíso e seus descendentes alegavam descender de um príncipe herdeiro do reino de Oyó (REIS: 2002).

Ambos adotaram hierônimos: Abraham Israel Ben-Rosh, no caso judaico e Soulé (Suleiman) no caso *agudá*.

Ambos tiveram uma ligação com a Bahia. Os sobrinhos do capitão Barros Basto se radicaram na Bahia<sup>13</sup>, enquanto Inácio Paraíso era filho de baiano.

O capitão Barros Basto construiu a sinagoga Kadoorie Mekor Haim na cidade do Porto. Inácio Paraíso construiu a mesquita Al-Hadj em Porto Novo (Benim).

## CONCLUSÃO

O que restou destas duas tradições ou culturas: orações, gestos, leitura de textos sagrados e alimentação?

Ambos os grupos foram dizimados pela demografia. Não receberam nenhum influxo genealógico externo. Não foram renovados por novas alianças. As comunidades foram reduzidas a famílias conjugais e até indivíduos quando estas sobrevivências culturais foram transmitidas as gerações sucessoras numa espécie de iniciação aos escolhidos dentro da família.

A última mesquita conhecida dos malês soteropolitanos teve lugar na rua da Alegria nº 3, Barris e foi dirigida pelo *limano* (imame) Luiz José Firmino de Araújo (1791-1907) até a sua morte. Ela foi sucedida nos anos trinta por algo mais sincrético, a Seita Africana Potentiosa da Bahia dirigida por Pedro Manuel do Espírito Santo definida como um “*candomblé muçurumim (malê)*”.

---

13 Dois tios do capitão português Barros Basto, os comerciantes António Carlos (1843-) e Henrique Carlos de Barros Basto (1860-), imigraram para Salvador onde deixaram farta descendência.

Já os cristãos-novos brasileiros nunca chegaram a ter uma sinagoga exclusiva para si. Nos anos setenta o professor José Nunes Cabral (1913-1979) e o engenheiro João Medeiros buscaram organizar uma comunidade judaica em Natal com descendentes ou alegados descendentes cristãos-novos da região. Ela subsiste até hoje. Enquanto isto alguns indivíduos desta origem migraram para Israel, como Yaakov Mordechai (Francisco de Assis Oliveira)<sup>14</sup>, filho de baianos de Bom Jardim, onde foi soldado de elite no IDF (exército israelense) e também recebeu a *semihá* (ordenação rabínica); ou o Dr. Yehoshua Maor (Josué Bezerra)<sup>15</sup>, premiado como cientista em Israel; dentre outros.

Desaparecidos como grupo etnoculturais, os seus discursos foram assumidos por outros grupos com interesses distintos, notadamente de legitimação histórica ou catequização cristã (neo-evangélicos). No caso malê ele é usado para legitimar a presença islâmica feita por migrações recentes, tirando-o assim o caráter alienígena desta presença. Já no dos cristãos-novos o desfecho tornou-se mais complexo: neo-evangélicos em procura dos aderentes, de símbolos para diferenciar-se entre si, vampirizaram a história dos cristãos-novos como estratégia de marketing.

No final ficou muito pouco destes dois grupos para as pessoas. Restou deles apenas alguns estereótipos positivos. Atribue-se aos políticos negros ou mulatos a coragem e o interesse político a esses ancestrais malês. Basta examinar algumas destas biografias, como as de Luis Gama (1830-1882), cujo interesse político e coragem viriam de sua mãe Luiza; ou de Carlos Marighella (1911-1969), pela mãe Maria Rita do Nascimento. No caso dos cristãos-novos, atribue-se o senso moral e criatividade deles, a estes ancestrais, como nas biografias do romancista Jorge Amado (1912-2001) ou do cineasta Glauber Rocha (1939-1981).

## **BIBLIOGRAFIA**

AL-BAGHDÁDI, Abdurrahmán. *Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e maravilhoso: estudo de um relato bagdadi*. Rio de Janeiro (?): Bibliaspa, FBN, BNA e BNC, 2009.

---

14 Nasceu em Poxoréu (18/03/1965), filho de Joaquim Pedro de Oliveira e Maria Moreira.

15 Nasceu em Bacabal (08/07/1970), filho de João Alves de Moraes Bezerra e Alice Maria Aguiar Pereira.

ALBUQUERQUE, Wlamira Ribeiro de. “*Esperanças de Boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910)*”. *Estudos Afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 2, 2002, pp. 215-245. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2002000200001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2002000200001&script=sci_arttext). Acesso em: 01/07/2011.

LOPES, J. A. Dias. “*O pai do acarajé baiano*”. *O Estado de S. Paulo, Paladar*, 12/03/2009.

MEA, Elvira; STEINHARDT, Ignácio. *Ben-Rosh: biografia do capitão Barros Basto: o apóstolo dos marranos*. Porto: Afrontamento, 1997.

MONTEIRO, Antonio. *Notas sobre negros Malês na Bahia*. Salvador: Ianamá, 1987.

NINA RODRIGUES, Raimundo. *Os africanos no Brasil*. S. Paulo: Madras, 2008.

NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia: 1624-1654*. S. Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1972.

QUERINO, Manuel. *A raça africana*. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

QUIRING-ZOCHE, Rosemarie. “*Luta religiosa ou luta política? O levante dos malês da Bahia segundo uma fonte islâmica*”. *Afro-Ásia*, 19/20 (1997), pp. 229-238.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil. A história do Levante dos Malês em 1835. Edição revista e ampliada*. S. Paulo, Companhia das Letras, 2003.

REIS, João José; GURAN, Milton. “*Urbain-Karim Elísio da Silva, um agudá descendente de negro malê*”. *Afro-Ásia* nº 028, 2002, UFBA, pp. 76-96.

SANCHES, Pedro Alexandre. “*Mito e verdade. Carlinhos Brown, 38, afirma que é “pop chão”*”. *Folha de S. Paulo*, 06/02/2001, p. E1.

SCHWARZ, Samuel. *Os Cristãos-novos em Portugal no século XX. Com um prefácio Pro Israel do Dr. Ricardo Jorge*. Lisboa: Livraria Universal/Armando J. Tavares, 1925.

SILVA, Alberto da Costa. “*Comprando e vendendo Alcorões no Rio de Janeiro do século XIX*”. *Estudos Avançados*, S. Paulo, vol. 18, nº 50, pp. 285-294, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100024). Acesso em: 01/07/2011.

SOUZA, Luiz Carlos. *O sacrifício do carneiro. Uma radiografia da presença islâmica em Salvador*, livro-reportagem, UFBA, 2004. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/pex/2003\\_2/Luiz%20Souza/trabalho%20definitivo.pdf](http://www.facom.ufba.br/pex/2003_2/Luiz%20Souza/trabalho%20definitivo.pdf). Acesso em: 12/07/2011.

VALADARES, Paulo. “*As genealogias do capitão Barros Basto, o “Guia dos Maranos”*”.



*Cadernos de Estudos Sefarditas*, nº 5, 2005, pp. 299-311.

VALADARES, Paulo. “Bartolomeu de Gusmão, o Messias desconhecido”. *Revista da ASBRAP*, nº 14, 2008, pp. 19-32.

VALADARES, Paulo. “Jesus “made in China””. *Revista de História da Biblioteca Nacional* nº 31, abril de 2008, Rio de Janeiro, pp. 56-9.

VALADARES, Paulo. “O mistério do padre Sanctos Saraiva, um “judaizante” na corte de D. Pedro II”. *Gerações/Brasil*, Sociedade Genealógica Judaica do Brasil, junho de 2001, pp. 7-10.

VALADARES, Paulo. *A presença oculta. Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX*. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Etnografia portuguesa*, IV. Lisboa, Imprensa Nacional, 1958.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo. Do tráfico de escravos entre o golfo de Benim e a Bahia de todos os Santos dos séculos XVII a XIX*. S. Paulo: Corrupio, 1987.